

A ovelha e o basalto: uma geofilosofia da resistência do campo nativo na Pampa brasileiro-uruguaia

Caetano Sordi *

RESUMO: Este artigo explora o modo com que elementos da geomorfologia local são percebidos por habitantes da fronteira brasileira-uruguaia em relação às potencialidades que oferecem a modos de existência distintos. Para tanto, examina, desde uma perspectiva etnográfica, os modos de habitar o ambiente relativos a dois domínios identificados pelo saber local desde suas características geomorfológicas: a zona de "areias", onde prevalece a agricultura mecanizada, e o "basalto", onde a resistência do solo ao arado tem permitido a manutenção de modos de vida tradicionais ligados ao pastoreio em campos naturais. Mais do que uma exploração dos condicionantes biogeográficos às atividades econômicas, o artigo evoca as noções de espaço liso e estriado, tais como desenvolvidas por Álvarez (2011) a partir da geofilosofia de Deleuze e Guattari (1992, 1997) e da antropologia fenomenológica de Ingold (2000), para compreender algumas formas de resistência locais ao acossamento das contemporâneas panaceias do desenvolvimento.

Palavras-chave: geomorfologia, pastoreio, Pampa.

ABSTRACT: This paper explores how elements of local geomorphology are perceived by inhabitants of the Brazilian-Uruguayan border in relation to the potential they offer for distinctive modes of existence. To this end, it examines in ethnographic perspective the ways of inhabiting the environment related to two domains identified by local knowledge based on their geomorphological features: the "sands" area, where mechanized agriculture prevails, and the "basalt", where soil resistance to plowing has allowed the maintenance of traditional ways of life linked to the raising of animals in natural pastures. More than an exploration of the biogeographic constraints on economic activities, the article evokes the notions of smooth and striated space, as developed by Álvarez (2011) in line with Deleuze and Guattari's (1992, 1997) geophilosophy and Ingold's (2000) phenomenological anthropology, to understand some local forms of resistance against contemporary panaceas for development.

Key-words: geomorphology, livestock, Pampa.

1. A teimosia da ovelha

Em junho de 2015, durante a pesquisa da minha tese sobre as reações sociais à presença do javali no extremo-sul do Brasil (Sordi, 2017)¹, acompanhei alguns de meus interlocutores em um seminário de extensão rural denominado “Ovinos da Campanha”². O evento era organizado pelo Sindicato Rural de Santana do Livramento em parceria com instituições de extensão tecnológica ligadas ao agronegócio. Durante dois dias, o encontro reuniu produtores rurais e especialistas de diversas áreas (zootecnia, medicina veterinária, nutrição animal etc.) para discutir a criação de ovelhas, atividade econômica com forte presença cultural e histórica naquela região. O evento ocorreu sob intensa chuva, em um pavilhão do parque de exposições do Sindicato. Juntamente com a vizinha uruguaia Rivera, Santana do Livramento forma uma conurbação internacional de cerca de 170 mil habitantes, frequentemente referida na imprensa e nas comunicações oficiais de ambas as municipalidades como “a fronteira da paz”. A simbiose entre Livramento e Rivera é de tal monta, que muitos autores as consideram uma mesma cidade, dividida entre duas soberanias (Pebayle, 1971; Dorfman, 2009).

Em grande parte, as comunicações do seminário procuravam instigar os produtores a “profissionalizarem” a produção de ovelhas. Para os especialistas, a ovinocultura era uma atividade dominada por “preconceitos históricos” e “práticas antigas” a serem coibidas, como a circulação de carneiros reprodutores entre parentes e vizinhos. Nesse sentido, uma das palestrantes defendera ser necessária uma “mudança de atitude” entre os ovinocultores gaúchos, algo que os dispusesse “no sentido do empreendedorismo”. Segundo ela, o principal desafio do pecuarista contemporâneo era conseguir enxergar a criação de ovelhas como “um verdadeiro negócio, mesmo em propriedades pequenas, dedicadas à subsistência”.

Embora o público parecesse concordar com vários destes diagnósticos, imperava na plateia uma atmosfera de ceticismo, pincelada por comentários irônicos e jocosos muito característicos da cultura pampeana e fronteiriça (Leal, 2021). Em suas falas, os especialistas apresentavam diversos casos de ovinocultura “empreendedora” ao redor do mundo: Austrália, Nova Zelândia, Reino Unido. O modelo de negócios da *Central Lanera Uruguaya*, cooperativa bastante familiar a muitos dos presentes, fazia parte do rol de exemplos edificantes. Em todos eles, repetia-se a mesma história de “reinvenção” da ovinocultura após o baque causado pela introdução das fibras sintéticas, que “quebrara o setor” nos anos 1980. Assim, um dos “preconceitos” a serem vencidos pelos ovinocultores gaúchos era aceitar que o futuro da ovinocultura não estava mais na produção de lã, e sim na produção de cordeiros para corte, visando o mercado de açougues de luxo.

Tabelas e gráficos projetados em *Power Point* demonstravam que a demanda por carne de cordeiro havia crescido nos últimos anos, especialmente entre um público consumidor de alta renda do Sudeste do país. Esses dados, no entanto, eram encarados por muitos dos presentes com alguma dose de desconfiança. Historicamente, ovelha sempre figurou como uma criação secundária no sistema domesticatório pampeano, servindo prioritariamente para o abastecimento doméstico de carne e fibras. De um ponto de vista simbólico, ela também sempre ocupou um lugar subordinado em contraste com o gado e o cavalo, cuja doma e manejo tem sido classicamente associados à produção da masculinidade gaúcha (Leal, 2021). Com as duas grandes guerras, entretanto, a ovinocultura

vivenciou um surto de desenvolvimento motivado pela demanda internacional por lã, o que fez com que muitas propriedades passassem a se sustentar quase que exclusivamente desta atividade.

Durante o período áureo da produção laneira, centenas de homens cruzavam o campo gaúcho vendendo sua mão de obra como *esquiladores*, isto é, tosadores de ovelha. Era uma tarefa árdua e demorada, feita em equipes ambulantes chamadas de *comparsas*. Apesar da precariedade das suas condições de trabalho e mobilidade, a *esquila* era um ofício que rendia a esses homens uma remuneração muitas vezes superior à de outros trabalhos permanentes, além abrigo e alimentação nas estâncias que os contratavam. Pebayle (1971) registra que na primeira metade do século XX, muitos operários das charqueadas se empregavam nas *esquila* durante a entressafra dos abates.

O advento das fibras sintéticas desestruturou boa parte deste arranjo produtivo. Em muitas propriedades, a ovelha voltou ocupar o lugar simbolicamente subordinado que ocupava antes do ciclo da lã, restringindo-se a uma criação voltada para o abastecimento interno. Nesse sentido, a grande preocupação dos painelistas era oferecer aos ovinocultores uma alternativa a esse cenário, a partir da reestruturação da produção de ovinos voltada para corte. De todo modo, já fazia algum tempo que eu vinha notando uma postura um tanto ambígua a respeito das ovelhas - e das razões que os mantinham ligados a elas - entre meus interlocutores. Muitos pareciam possuir sentimentos contraditórios em relação àqueles animais, o que me remetia constantemente à relação de amor e ódio descrita por Evans-Pritchard (2008) a respeito dos Nuer e seu gado.

Por um lado, os criadores falavam das ovelhas como um motivo de consternação constante, devido à intensidade de trabalho exigido em seu manejo e o conjunto de fatores que tornavam sua manutenção cada vez menos atraente como atividade econômica. A predação de cordeiros por javalis, preocupação central da minha pesquisa naquele momento, inseria-se entre estes fatores. Por outro, também pareciam reputá-las como animais rústicos, resilientes e, de certo modo, imprescindíveis em uma propriedade rural, o que as tornava difíceis de ser abandonadas sem mais. Uma ênfase especial era dada à *genética*, o que, em termos nativos, significava algo mais que os atributos físicos de determinada linhagem, maso longo e cuidadoso trabalho de seleção e aperfeiçoamento racial de seus planteis ao longo de várias gerações, tanto humanas, quanto animais.

Foi assim que, em um dos almoços do seminário, compartilhei a mesa com um criador e sua esposa, ambos por volta dos cinquenta anos de idade, e naturais da região. Os dois formavam um casal binacional, ou, conforme o termoômico da fronteira, um casal *doble chapa*³. Após traçarem alguns comentários críticos sobre a fala de alguns especialistas, o criador explicou que a permanência da ovinocultura naquela parte da Campanha não era algo contingente, mas estaria ligada a determinadas características do solo que a tornavam uma “*tranqueira braba*” para a agricultura. A partir deste momento, descortinou-se uma dimensão sobre criação de ovelhas naquela região que eu ignorava, muito embora já havia aparecido na fala de meus interlocutores sem que eu tivesse dado a devida atenção.

De fato, em outra conversa que tivemos algum tempo antes, este mesmo criador já havia me qualificado as ovelhas como bichos “teimosos”, e que ele próprio, em certa medida, só continuava ovinocultor “por teimosia”. Naquele almoço, compreendi que a teimosia, a recalcitrância, talvez fosse uma propriedade ambiental mais abrangente,

compartilhada com o próprio solo os próprios animais. “A ovelha”, afirmou ele, “é um animal que garante a permanência do criador nesses campos de pedra, no *basalto*. Ela entra onde o gado não entra e come o que o gado não come”. Assim, no verão, quando o campo seca e o tempo estia, e mais ainda nos períodos de seca prolongada, a ovelha seria uma reserva importante o produtor, “quase um seguro”, principalmente para aquele de base familiar⁴. Nas *areias*, a realidade seria outra, pois nelas já teriam entrado “o *gringo*” e a lavoura, e tudo seria muito diferente.

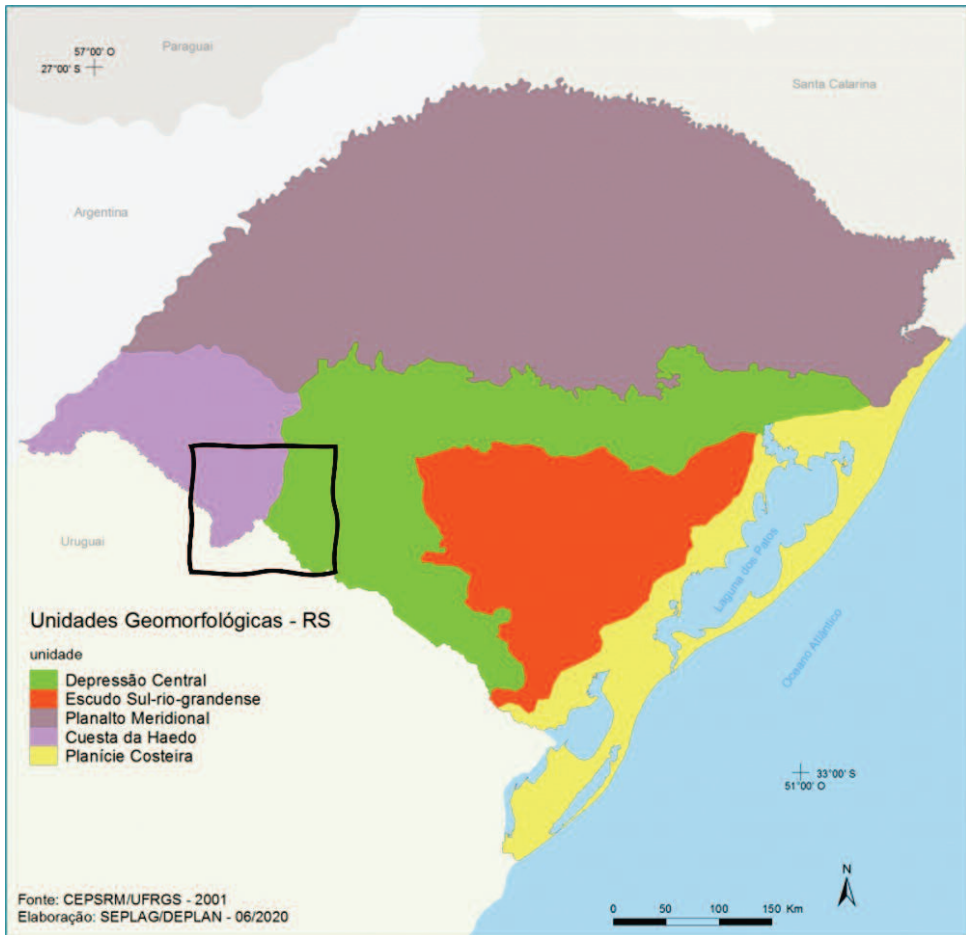
2. A areia e o basalto, gringos e gaúchos, lavoura e pecuária

Ao citar o *basalto* e a *areia*, este criador evocava uma classificaçãoêmica da geomorfologia local, que seria mobilizada diversas vezes por outros interlocutores ao longo da etnografia para explicar e dar sentido à resistência da ovinocultura como atividade naquela região. Observando-se os solos da zona rural de Livramento e municípios vizinhos (em destaque no mapa 1), percebe-se que se trata de um ponto de transição entre domínios geológicos diferentes: em sua porção oeste, a composição dos solos é predominantemente basáltica, própria da unidade geomorfológica conhecida como *Cuesta de Haedo* (Suertegaray; Fujimoto, 2012)⁵. Nela, predomina uma cobertura de campos limpos sobre solos rasos, entremeados de matas de encosta e galeria. Já na porção leste, pertencente à depressão central gaúcha, a composição dos solos é sedimentar e arenosa, com uma cobertura de gramíneas associada à mata de galeria ao longo dos rios e cursos d’água. (Mapa 1)

Referidos pela população local como o *basalto* e a *areia* (ou *areias*), estas duas metades conformam sistemas produtivos distintos. Enquanto a maior parte da criação de gado e ovelha continuou confinada à zona do *basalto*, os cultivos de arroz e soja, por sua vez, espalharam-se sobre as coxilhas e várzeas da porção leste a partir dos anos 1970. Por este motivo, o *basalto* é percebido pelos agentes locais como um território avesso à agricultura e, bem por isso, uma espécie de reduto “natural” do pastoreio e suas formas de vida associadas. (Figura 1)

Em sua alusão ao domínio da lavouranas *areias*, meu interlocutor também fez menção aos *gringos*. Trata-se do modo como fronteiriços se referem aos descendentes de imigrantes europeus (italianos, principalmente) oriundos das colônias estabelecidas no nordeste do Rio Grande do Sul, frente aos quais identificam muitas diferenças culturais. Em tempos recentes, a divisão *areia x basalto* também ganhou uma dimensão étnica, haja vista a grande quantidade de *gringos* entre os *lavoureiros* e arrendatários. Em sua etnografia realizada junto aos campeiros desta mesma região, Leal (2021) já havia identificado, em finais dos anos 1980, tensões simbólicas relevantes entre os dois grupos, portadores de universos valorativos muito distintos. Durante meu trabalho de campo, o modo de ser de *gringos* e fronteiriços parecia influenciar, inclusive, os modos pelos quais cada grupo costumava lidar com a ameaça representada pelos javalis.

De acordo com o gestor da Área de Proteção Ambiental (APA) do Ibirapuitã, unidade de conservação federal que reúne boa parte da zona rural dos municípios da região, os *lavoureiros* teriam tido uma reação mais rápida de combate ao animal, quando do seu aparecimento em meados da primeira década deste século. Segundo ele, “*gringo* não espera. Compra arma, contrata caçador, monta posto de tiro. O pessoal da pecuária foi um pouco mais devagar com isso”. Já o criador anteriormente mencionado, também me dis-



Mapa 1: Região da pesquisa em destaque no mapa das Unidades Geomorfológicas do RS. Extraído e adaptado de <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/hipsometria-e-unidades-geomorfológicas> (em 09/11/2021).

sera, em outra conversa, que a caça sempre havia sido uma atividade corriqueira na Campanha, porém não com a mesma intensidade com que era praticada na Serra Gaúcha, pelos *gringos*. Em tom jocoso, afirmou que “*gringo* não compra carne, compra bala”. Além disso, relatara que ao contrário dos *gringos*, os fronteiriços não teriam costume de caçar “bicho de pluma”, em alusão à caça à perdiz e ao marreco muito praticada pelos ítalo-descendentes⁶.

Apesar da “lenta temporalidade das ações vegetais” (Lestel, 2011: 42), a lavoura é percebida pelos fronteiriços como uma atividade que acontece em um ritmo mais veloz que o pastoreio. Para eles, isso coadunam o espírito mais empresarial dos *gringos*. Assim, não acredito que se trate apenas de uma avaliação decorrente do tempo de crescimento, maturação e colheita dos monocultivos (em contraste, por exemplo, com o ritmo de cria, recria e engorda dos animais), mas de uma percepção relativa à velocidade com que os fluxos de capital – empréstimos, financiamentos, aquisição de implemen-



Figura 1: Paisagens típica da zona do basaltoem Rosário do Sul, distrito do Caverá (sup.), e Santana do Livramento, distrito do Espinilho (inf.). Fotos do autor, 2014.

tosagrícolas etc. – penetram e formatam um e outro sistema produtivo. Para os *peões-campeiros*, isto é, empregados das grandes estâncias, arranjar emprego na lavoura pode até significar algum incremento em termos salariais. Todavia, ao fazê-lo, são incorporados como funcionários em uma rotina mais impessoal, além de serem obrigados a abandonar ofícios culturalmente ligadas à afirmação da sua honra e masculinidade.

Há muitas décadas, a metade sul do Rio Grande do Sul, especialmente as áreas ainda dominadas pela pecuária, vem sendo tratada nos discursos oficiais como uma região estagnada e abandonada, carente de investimentos que levem à diversificação da sua matriz produtiva. Deste modo, não causa estranhamento que as *areias* sejam justamente a região de Livramento e arredores onde diversas panaceias do desenvolvimento tem se instalado com mais sucesso nas últimas décadas, para além das grandes lavouras de arroz e soja. No *basalto*, as coisas são diferentes. Conforme o criador, “já teve a época das peras, das vinícolas, ‘oliviais no Pampa’. Mas não adianta, a gente sempre volta para a ovelha”.

3. O basalto e a resistência do liso

Para o pensamento local, o vínculo entre os campos de basalto e a pecuária extensiva transcende condicionamentos geológicos em um sentido mais estrito. Poderíamos dizer que certa imaginação telúrica (Bachelard, 2001; Dardel, 2015) sobre este domínio geomorfológico une a Campanha brasileira à uruguaia naquilo que a antropóloga Maria Fernanda Torres Álvarez (2011) chamou de a “resistência do liso”. Conforme esta autora, o contraponto entre agricultura e pecuária teria sido a tônica que deu sentido à história agrária do país vizinho desde o princípio de sua formação territorial, social e demográfica. Em certa medida, essa mesma dinâmica pôde ser observada ao longo da história do Argentina e do Brasil Meridional, onde, como no Uruguai, a dicotomia pecuária/agricultura tem classicamente se desdobrado em outras figuras antitéticas. Notadamente civilização e barbárie, modernização e atraso.

Conforme Álvarez (2011), do lado da agricultura, impunha-se, no Uruguai, “a imaginação dos netos do Século das Luzes para sonhar o futuro do agro moldado pela ciência e a razão organizada na engenharia agrônômica” (:153). Já do lado da pecuária, “a experiência alimentada pela perspectiva de habitar a extensa campanha” (idem, *ibidem*), ligada, por sua vez, aos ritmos e rotinas do pastoreio sobre campos naturais:

O conhecimento da pradaria natural, especialmente na zona norte [uruguaia], onde o basalto superficial campeia, permitia-lhes um uso produtivo para fazer crescer o gado, e era resultado de uma relação íntima decorrente do fato de habitar esse lugar. Nessa região do país, o tempo do movimento é mais longo e grave, quer dizer, os extensos campos parecidos com eles mesmos durante mais de uma centúria tinham ensinado processos lentos de variações e conservação de lugares de memória da fazanha nacional. (...) Habitar o campo natural é estar submerso nos incessantes movimentos do vento e do tempo, sob a superfície lisa que abraça o céu, reflete a luz e responde à seca e à umidade do ar, dependendo do calor e da chuva (idem, p. 157-160).

Inspirada por Ingold (2011), Deleuze e Guattari (1997), Álvarez caracteriza este contraste como uma oposição entre espaço liso e espaço estriado. Assim, para ela, “a pecuária extensiva desenvolve uma cosmologia do liso”, em que “os campos são a superfície onde o olhar atravessa as coisas” (Álvarez, 2011; 160). Trata-se de uma cosmologia se desenvolve num tempo “lento e solene”, em que “os seres humanos vivenciam o seu amplo horizonte a céu aberto” (160). A agricultura, em contrapartida, se efetiva a partir de um estriamento do espaço, seu esquadrinhamento como campo cultivado. Ela implica, para citar Deleuze e Guattari (1997: 188), em um repartimento “segundo intervalos determinados, conforme cortes assinalados”. Leal (2021), por sua vez, identifica uma ressonância entre a espacialidade nômade do pastoreio gaúcho com as noções de espaço itinerante e irradiante em Leroi-Gourhan (1987).

A lírica gaúcha, sob a forma de canções, trovas e *pajadas*, é pródiga em retratar este modo itinerante de ser, refratário ao assentamento. O gaúcho é um sujeito que se move de um lado a outro, montando em seu cavalo. A nostalgia dos campos abertos, anteriores aos cercamentos, é um tema de constante lamento nessas expressões poéticas, que professam uma concepção nativa – trágica e solitária, segundo Leal (2021) - de liberdade. Vide esta estrofe do poema campeiro *Deixando o Pago*, de João de Lima Vargas (1981):

*Como é linda a liberdade
Sobre o lombo do cavalo
E ouvir o canto do galo
Anunciando a madrugada
Dormir na beira da estrada
Num sono largo e sereno
E ver que o mundo é pequeno
E a vida não vale nada*

Ou ainda a canção *Peón Rural*, do conjunto uruguaio Larbanóis e Carrero:

*Soy un bicho solitario, mi oficio el de peón rural,
Lo mismo compongo un tubo como le amanso un bagual,
Suelo dar toma, hacer quinta, alambrar o cocinar,
Sacar los tientos iguales o usar yuyos pa' curar,
Carnear, traer la majada, ordeñar o desvasar
Nunca fui de hacer comparsa pa' sentirme acompañado,
Armo un mate, pito un chala, y ya estoy del otro lado,
Lo mío es andar lidiando con viento, lluvia o con sol
Son todas mis pertenencias, mi perro, mi mancarrón,
Micordiona galponera y el filo de mi facón.*

O espaço aberto da planície é o substrato material e simbólico de um modo de existência que se faz em movimento, fitando o horizonte. Como diz Martínez-Estrada (2017: 18-19), “aquí el campo es extensión y la extensión no parece ser otra cosa que el desdoblamiento de un infinito interior, el coloquio con Dios del viajero. Solo la conciencia de que se anda, la fatiga y el deseo de llegar”.

4. Ponderações e limites da resistência do liso ao estriamento

Em sua tese, Vaz Lima (2020) conceitua a Pampa como um pluriverso, formado por fluxos vitais (de gentes, bichos e coisas) que tornam vazadas as fronteiras entre natureza e cultura, rural e urbano, tradicional e moderno, agricultura e pecuária. Mesmo assim, o embate entre essas formas de vida e “os entes indesejados do capitalismo moderno colonial” pode ser percebido como uma constante ao longo do tempo. Desta forma, há de se ponderar as formas pelas quais as forças modernizantes conseguiram abrir brechas na resistência do liso e estriar a Pampa, mesmo nas zonas onde a geomorfologia representa um desafio para elas.

Em outro trabalho, discuti como o *alambramento*, isto é, a construção de cercas de madeira e arame, exerceram um papel importante na inscrição de relações de propriedade sobre a terra e os animais na história agrária pampeana (Sordi, 2019; ver também Nahum, 1968). Estas mesmas estruturas também serviram, historicamente, para delimitar de forma mais precisa a diferença entre *campo* (espaço de criação e produção econômica) e *corredor* (espaço de circulação), com importantes repercussões sobre o modo de vida dos habitantes da Campanha. Ainda que não leve a um estriamento tão completo da paisagem quanto a agricultura, o *alambramento* talvez represente uma espécie de *limite possível de estriamento no basalto*, cujos solos, por ora impenetráveis à agricultura, se encarregam do resto.

Mais recentemente, no entanto, uma forma específica de monocultivo parece ter sido capaz de superar a resistência dos campos basálticos e impor “muralhas verdes” que reorganizam a dinâmica da paisagem e sua cosmologia do liso. Ainda sobre o Uruguai, Álvarez (2011: 154-158) registra que:

A expansão da agricultura de soja e o reflorestamento durante a última década atualizou o confronto com a pecuária. No parlamento, na presidência e no seu gabinete, foi reforçada a parceria entre agricultura e o progresso, em particular, em favor da transformação da pecuária para uma versão radical de si mesma motivada pela concorrência (...). Renovados os sonhos progressistas, o governo e a agronomia voltam a exigir dos pecuaristas a sua intensificação e virada de direção para uma pecuária empresarial.

Já do lado brasileiro, “enquanto em 1990 restava somente 2% de área de mata nativa no estado, já havia o dobro (cerca de 4%) de área florestada com acácia, eucalipto e pinus” (Bertê, 2012: 73). Atividade de grande impacto ambiental, a silvicultura tem sido alvo de crítica por ecólogos e organizações ambientalistas, sendo causadora de erosão, degradação do solo e alterações no regime hídrico dos aquíferos superficiais e subsuperficiais. Tudo isso sem contar aspectos sociais como o abandono do campo e a intensificação da concentração fundiária. Afinado com esta leitura, Bacchetta (2009: 61) registra a percepção, entre os pecuaristas do norte uruguaio, de que as monoculturas florestais ocuparam as melhores pastagens disponíveis, o que teria desencadeado “sem aviso prévio, a substituição acelerada de uma cultura produtiva por outra”. De acordo com este autor:

Na estrada que vem de Paysandú, ao mesmo tempo em que começa a aproximar-se uma muralha gigantesca formada pelas matas de eucaliptos dos plantios, chama a atenção a quantidade de gado pastando junto à estrada,

ou melhor, na estreita faixa de terra que existe entre a estrada e o alambrado dos campos vizinhos. Às vezes estão amarrados ou cuidados por seus donos, mas, para conter muitos animais ao longo de uma estrada de tráfego intenso como essa, chegou-se a colocar um alambrado paralelo comum e às vezes eletrificado, algo que obviamente contradiz todas as regras de utilização da via pública e de segurança da estrada. (...) Isso explica como os agricultores e criadores de gado da região começam a se sentir encurralados, rodeados ameaçadoramente pelos plantios. A proximidade da muralha de eucaliptos e pinus não é um fato pacífico e complementar à sua atividade, mas pelo contrário, é uma fonte de problemas que pode alterar suas vidas profundamente (: 56-58).

O emprego da metáfora da muralha para se referir ao efeito dos monocultivos sobre a paisagem pampeana é bastante significativo. Como vimos, esta é uma paisagem que se constituiu ao longo do tempo através do entrecruzamento de vários fluxos, que dão origem à uma cosmologia itinerante. Já a muralha é uma barreira que interrompe o fluxo, impede a circulação. Não precisamos pensar aqui somente desde o ponto de vista do encurralamento do gado em campos cada vez piores ou, como relata Bacchetta (2009), na estreita faixa de pastagem que sobra entre o alambrado e a estrada - fenômeno conhecido no Brasil como *gado de corredor*. O monocultivo florestal impõe também uma muralha aos próprios fluxos da biodiversidade nativa, já que suprime o campo natural e sua imensa variedade de espécies.



Figura 3: Florestamento com pinus nas imediações da rodovia BR-290, em São Gabriel (RS). Foto do Autor, 2016.

Por outro lado, se a presença dos florestamentos industriais obstrui a visibilidade e reprisa fluxos vitais desejados, ela também auxilia na proliferação de entes e formas de circulação indesejados. De maneira semelhante ao que ocorre no Brasil, Bacchetta revela que muitos habitantes da Campanha uruguaia associam a expansão do javali à expansão da silvicultura, pois “todos os vizinhos dos plantios coincidem em afirmar que esse animal se multiplicou e ampliou seus deslocamentos favorecidos por estas condições” (: 57). Conforme o autor, “tradicionalmente o javali se abrigava na mata ciliar dos rios e arroios. Hoje, os plantios lhe dão proteção porque não há vigilância para evitar isso” (: 57).

Da mesma forma, criadores brasileiros e uruguaios associam a chegada das “muralhas verdes” ao aumento do abigeato. Segundo Bacchetta (2009: 58):

Alguns apontam que cresceu o número de “javalis de duas patas”, aludindo ao aumento do roubo de gado pelos humanos. “Aparece gente de todos os lugares, que não conhecemos. Primeiro é uma, logo são três, depois são cinco ovelhas por dia. Quando você se dá conta, não fica mais nenhuma”, lamenta-se um estancieiro do Cerro Chato, que atribui isso também aos plantios de exóticas.

Como discuti em minha tese, a rapidez das transformações ecológicas em curso na Pampa tem levado muitos criadores a espousarem uma fenomenologia apocalíptica (Dalla Bernardina, 2009) com relação ao futuro. De acordo com um ovinocultor da zona conhecida como Caverá, no município de Rosário do Sul:

As áreas pastoris tão diminuindo a cada dez anos cerca de 10%. Então, eu te diria o seguinte: o meu neto não vai sobreviver de lá [propriedade da família]. Pode ser que a minha filha sobreviva. Mas meu neto, só de árvores, não vai sobreviver (transcrição de entrevista, junho de 2014).

Boatos, rumores e teorias de matiz conspiratório são bastante frequentes. Conforme outro criador, sediado em Santana do Livramento:

Tchê, eu tenho um amigo que estudou nos Estados Unidos e ele me disse o seguinte. Talvez tu não tenha nunca ouvido isso aí. Mas o cara é uma pessoa, assim, de alta cultura, ele teve estudando na Europa, estudou nos Estados Unidos, e me disse o seguinte: os americanos têm um levantamento, que diz que, no Rio Grande do Sul, nas próximas décadas, fica só reflorestamento, leite e soja. Pecuária de corte? Isso termina. Ele já me disse isso há uns catorze anos atrás, e eu acho que nós estamos realmente indo por este caminho. A pecuária tá encolhendo cada vez mais. Tá ficando em áreas marginais, em áreas de campo mais barato, tá entrando o reflorestamento, tá entrando a soja, principalmente a soja, e o gado de leite (transcrição, junho de 2014).

O filme *Rifle* (2016), dirigido por Davi Pretto, explora essa atmosfera de angústia socioambiental atualmente presente na Campanha gaúcha. Dione, seu protagonista, vive como agregado de uma família cuja propriedade passa a ser assediada por um rico empresário, que visa adquiri-la e convertê-la em uma lavoura de soja. O filme é repleto de interações silenciosas entre suas personagens e planos abertos que mostram a paisagem campestre a ser substituída pelo monocultivo. Em contraste, planos mais fechados e rui-

dosos retratam o maquinário agrícola e o universo sociotécnico da lavoura, ao qual Dione tem dificuldade de se adaptar. Tomado por uma angústia constante, como se algo estivesse sempre na iminência de acontecer, Dione passa a circular pelo perímetro da propriedade sempre armado com um rifle, desconfiado de todo e qualquer veículo que passa pelos corredores rurais. Após certa hesitação, começa a disparar tiros de advertência em direção aos carros. No entanto, seus esforços não parecem lograr resultado algum, denotando processos que o sujeito não se vê mais em condições de controlar.

5. Considerações Finais

Além da figura da muralha, outra metáfora tem sido comum entre ambientalistas brasileiros e uruguaios para se referir aos monocultivos florestais: “desertos verdes”. Neste caso, a figura do deserto remete à ausência de vida e demovimentação onde antes desdobrava-se um pluriverso. Paradoxalmente, há mais de um século, o escritor e presidente argentino Domingo Faustino Sarmiento qualificada a própria Pampa como um deserto, mas em sentido contrário: imensidão verde e bárbara a ser domesticada pelos atributos civilizatórios da agricultura. “O mal que aflige a República Argentina”, escrevia ele, “é a *extensão*: o deserto a rodeia por todos os lados e se insinua por suas entranhas” (Sarmiento, 2010: 68). Extensão do liso, por certo, que incutiria nos habitantes da pradaria “certa tintura asiática” (idem: 77), em clara referência aos nômades da estepe. Os mesmos nômades que, posteriormente, inspirariam Deleuze e Guattari (1992, 1997) a conceituar o *liso* e o *estriado* em um sentido filosoficamente oposto ao de Sarmiento, isto é, de apologia aos movimentos “aberrantes” (Lapoujade, 2015) de desterritorialização.

Neste trabalho, procurei mostrar como essa cosmologia do liso encontra ressonância em uma dimensão geomorfológica da paisagem. Conforme o geógrafo Eric Dardel (2015: 56), “a pedra é um acontecimento em si própria e uma possibilidade para todos os outros seres”. Trata-se de uma formulação interessante, que pode inspirar uma atenção mais detida para os modos pelos quais as sociedades humanas interagem material e simbolicamente com a rocha matriz onde habitam. Um pensamento sobre o substrato mineral da vida em sociedade e sua relação com diferentes sistemas técnicos pode oferecer reflexões importantes para a antropologia, sobretudo em um contexto marcado por conceitos como o Antropoceno e pela necessidade de se encarar questões existenciais em escala geológica.

Um pensamento como esse nos obrigaria a ir além de determinismos naturais ou culturais e caminhar em direção a uma geofilosofia capaz de compreender os vínculos entre sistemas sociais, ideológicos e “as possibilidades, isto é, as *affordances* silenciosamente inscritas no território do território” (Charbonnier, 2021: 31). Emprego o termo “geofilosofia” em alusão à proposta de Deleuze e Guattari (1992, 1997) de se tematizar os seus movimentos de territorialização e desterritorialização como uma matriz para o pensamento em geral. Conforme o filósofo da técnica Yuk Hui (2021):

Para entender esse processo, teremos de repensar a relação entre tecnologia e ambiente. Em vez de vermos a tecnologia como um dos resultados da determinação causada pelo ambiente geográfico ou de pensarmos que a tecnologia destrói o ambiente natural, devemos considerar como o complexo tecnologia-ambiente constitui sua gênese e autonomia, e como essa gênese pode ser repensada ou reposicionada em uma realidade cósmica que é própria ao ambiente (p. III).

Na Campanha brasileira e uruguaia, uma percepção sobre as *affordances* do basalto tem se associado a ecologias biotécnicas que o constituem como um espaço de resistência, além de um domínio geomorfológico. São ecologias e modos de habitar a pradaria profundamente ligados ao manejo do campo nativo e a um conhecimento íntimo de seus ciclos vitais. Em suma, em que pese o assédio dos monocultivos florestais – e a sempre presente possibilidade de a agricultura mecanizada desenvolver meios viáveis e baratos de vencer a resistência, ora intratável, dos campos de pedra – os solos basálticos da Campanha permanecem como verdadeiros “relicários da paisagem pastoril” (Monteblanco, 2021), ilhas de biodiversidade campestre e manutenção de modos de vida tradicionais em meio a um dos biomas mais ameaçados da América do Sul.

Recibido el 12 de octubre de 2021. Aceptado el 11 de marzo de 2022.

* Mestre (2011) e Doutor (2013) em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. Antropólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Brasil. Email: caetano.sordi@gmail.com

Notas

¹Esta tese foi desenvolvida no marco do Projeto de Pesquisa CNPq “Antropologia e espécies animais exóticas: o caso do javali europeu asselvajado no Brasil” (processo 459757/2014-8) entre 2014 e 2017 e também contou com apoio da CAPES por meio do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), realizado junto à Universidade de Aberdeen, Escócia, Reino Unido, entre agosto de 2015 e fevereiro de 2016 (processo 1510/2015-00). O trabalho de campo etnográfico se deu de forma intermitente entre maio de 2014 e maio de 2016.

² Uma versão preliminar deste texto foi apreentado na Seminário Temático 28, “Ecologias biotécnicas: sistemas técnicos, manipulações e formas de vida emergentes”, na VIII Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia (ReACT), 2021. Agradeços comentários e contribuições dos demais participantes do ST, assim como os

apontamentos feitos pelos avaliadores do artigo para publicação.

³ Uma metáfora oriunda do emplacamento de automóveis em ambos os países (Dorfman, 2009).

⁴ Sobre esse aspecto da criação de ovinos e caprinos, Ingold (1980, p. 137) assinala em seu trabalho sobre a ecologia e economia do pastoreio que “therapidincreaseofovineandcaprineherdswouldpermittheirexploitation as a supplementary meatresource, particularly in times of drought”.

⁵ Trata-se da porção mais ao sul do Planalto Meridional brasileiro, cuja compleição basáltica decorre de derramamentos de lava ocorridos na Era Mesozoica, entre 250 e 65 milhões de anos atrás.

⁶Sobre diferenças econômicas e morais envolvendo colonos e gaúchos no mundo rural argentino, ver Archetti e Stölen (1975).

Referências bibliográficas

- Álvarez, M.F.T. (2011) Tornar-se nativo / a resistência do liso. In: C. Steil, I. Carvalho (orgs.). *Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold*. São Paulo: Terceiro Nome, p. 153-173.
- Archetti, E. P., Stölen, K. (1975) *Explotación familiar y acumulación de capital en el campo argentino*. Buenos Aires: Siglo XXI.
- Bachetta, V. (2009) *A fraude da celulose*. Porto Alegre: Da casa.
- Bachelard, G. (2001) *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bertê, A. A. (2012) Problemas ambientais no Rio Grande do Sul: uma tentativa de aproximação. In: R. Verdum, L.A. Basso, D.M. Suertegaray (orgs.). *Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 71-85.
- Charbonnier, P. (2021) *Abundância e liberdade: uma história ambiental das ideias políticas*. São Paulo: Boitempo, 2021.
- Dardel, E. (2015) *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva.
- Deleuze, G.; Guattari, F. (1992) *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34.
- ____ (1997). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v.5. São Paulo: Editora 34.
- Dorfman, A. (2007) Fronteira e contrabando em Santana do Livramento (BR)-Rivera (UY). *Boletim gaúcho de geografia*, n.32, p.75-92.
- Evans-Pritchard, E. E (2008) *Os nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nílota*. São Paulo: Perspectiva.
- Hui, Yuk. (2020) *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu.
- Ingold, T. (1980) *Hunters, Pastoralists and Ranchers: reindeer economies and their transformations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ____ (2011) *Being Alive: essays on movement, knowledge and perception*. Routledge: London.
- Leal, O. F. (2021) *Os gaúchos: cultura e identidade masculinas no Pampa*. Porto Alegre: Tomo.
- Leroi-Gourhan, A. (1987) *O gesto e a palavra: memória e ritmos*. v.2. Lisboa: Edições 70.
- Lestel, D. (2011) A animalidade do humano e as 'comunidades híbridas'. In: M. E. Maciel (org.). *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e zoopolítica*. Florianópolis: Editora da UFSC, p. 23-54.
- Martínez-Estrada, E (2017) *Radiografia de la Pampa*. Buenos Aires: Interzona.
- Monteblanco, F. (2021) *Relicários da paisagem pastoril: Uma geografia do Pampa remanescente no Brasil*. Tese de Doutorado – Geografia. Universidade Federal de Santa Maria.
- Nahum, B. (1968) La Estancia Alambrada. *Enciclopedia Uruguaya*, n. 24, p. 1-20.
- Pebayle, R. (1971), Da vida rural na 'campanha' gaúcha. *Boletim Gaúcho de Geografia*, n.14, p. 36-43.
- Sarmiento, D. F. (2010) *Facundo, ou civilização e barbárie*. São Paulo: Cosac Naify.
- Sordi, C. (2017). *Presenças Ferais: Invasão biológica, javalis asselvajados (Sus scrofa) e seus contextos no Brasil Meridional em perspectiva antropológica*. Tese de Doutorado – Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- ____ (2019) Fences in the borderland: technique, landscape and the architectures of domestication in the Brazilian-Uruguayan Pampa. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, n. 16, p. 1-20.
- Suertegaray, D.M., Fujimoto, N.S.V.M (2012). Morfogênese do relevo do Estado do Rio Grande do Sul. In: R. Verdum, L. A. Basso, D. M. Suertegaray (orgs.). *Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 11-26.
- Vargas, J.C. (1981) *Deixando o Pago: Poe-*

mas Xucros. Porto Alegre: Habitasul.

Vaz Lima, D. (2020) *Pelos (des)caminhos de gentes, bichos e coisas: uma etnografia a pé*

na pampa brasileira. Tese de Doutorado – Antropologia. Universidade Federal de Pelotas.